

A banda larga da Claro

QUATORZE:
3G para 35
milhões de
brasileiros

O diretor de serviços Marco Quatorze colocou o 3G para funcionar em 40 cidades brasileiras

 ROSA SPOSITO

➔ Nas contas da Claro, a cobertura de 3G da operadora já alcança uma população de 35 milhões de pessoas, espalhadas por 40 cidades brasileiras. Mas o que vem por aí para aproveitar o 1 Mbps de velocidade nominal nos celulares e modems? Nos bastidores da operadora, um time de cerca de 30 pessoas trabalha para identificar novos serviços para a banda larga móvel, das videochamadas à TV por streaming. Até fevereiro, quem comandou essa operação foi o engenheiro eletrônico Marco Quatorze, de 43 anos, diretor de serviços de valor agregado e roaming da Claro. Ele conversou com a INFO de malas prontas para o México, onde agora responde pelo lançamento de novos serviços de todo o grupo mexicano América Móvil, o controlador da operadora brasileira.

INFO Qual é a cobertura da rede 3G da Claro hoje?

QUATORZE Começamos com o 3G em novembro, nas cidades de Recife, Fortaleza, Brasília e na região de Porto Alegre. Em dezembro, lançamos o serviço em São Paulo e no Rio de Janeiro. Hoje são 40 cidades - e suas regiões metropolitanas. Cobrimos aproximadamente 35 milhões de pessoas com a rede 3G.

A que velocidade dá para navegar?

Na prática, estamos prometendo uma velocidade de até 1 Mbps. A rede está preparada para chegar a até 3,6 Mbps, mas essa é a velocidade máxima teórica.

Quantos modelos de celulares suportam o 3G?

Temos disponíveis nove aparelhos, dois modems e uma placa PCMCIA.

Que novos serviços vão surgir?

O que tem chamado mais a atenção é a videochamada, que permite fazer a ligação com transmissão de vídeo de um celular para outro. Para isso, os dois aparelhos precisam ser 3G e ter o recurso de videochamada - além de estar dentro da zona de cobertura da rede 3G. Na tela do celular aparecem duas imagens: a maior mostra o que o outro telefone está mandando e a menor, no cantinho, mostra o que está sendo enviado.

Quantos usuários já aderiram às videochamadas?

Eu não posso dar números. No caso de pessoa física, ele ainda é um gadget. Já no mercado corporativo, existem várias empresas querendo usar esse recurso como mecanismo de produtividade. Em sinistros de companhias de seguro, como numa batida de carro, o serviço permite falar com o corretor e mostrar ao vivo o que aconteceu, para avaliar se vale a pena ou não fazer o boletim de ocorrência.

Que outros serviços estão ganhando terreno com o 3G?

A internet móvel em banda larga vem tendo grande aceitação. Com um modem que se conecta ao laptop e pode ser levado para qualquer lugar, o usuário pode acessar a internet a 1 Mbps, desde que esteja numa zona de cobertura 3G. E é muito

fácil e rápido usar serviços como o Google Maps porque dá para carregar mapas com grande nível de detalhes numa velocidade muito boa. Por isso, a internet móvel está ganhando cada vez mais espaço.

O e-mail móvel deve ocupar o espaço do SMS?

Sim, já está ocupando. Nos Estados Unidos, por exemplo, em vez de enviar uma mensagem SMS, os usuários mandam e-mail pelo BlackBerry. Hoje, o SMS ainda é, de longe, o serviço mais usado no celular no mundo - depois de falar. Em seguida vêm o e-mail e a internet móvel. Mas a tendência é aumentar o uso desses serviços e a posição se inverter.

Como está a adesão dos brasileiros?

No caso da Claro, a demanda por smartphones, que permitem o acesso ao e-mail e à internet móvel, está numa curva de crescimento exponencial. De 2006 para 2007, o número de aparelhos ativados pelos clientes cresceu aproximadamente 300%.

São clientes corporativos?

Não, hoje tem muita pessoa física usando. Antes de oferecer o BlackBerry para os usuários no Brasil, a Claro fez uma pesquisa e descobriu que pouquíssimas pessoas conheciam essa tecnologia. Pior, elas achavam que deveria ser muito cara. Então, a gente adotou o mote BlackBerry para todos e colocou um preço aceitável.

Climatempo, Discovery Móvel, A&E e History Channel), mas o serviço não está tendo muita procura dos usuários. É que as pessoas querem os canais nacionais e as emissoras de TV - com exceção da Band - não estão com muita disposição para oferecer esse serviço. Elas querem ir para a TV digital. Só que a TV digital no celular tem um problema: ainda não existe um aparelho compatível com o padrão de TV digital do Brasil que funcione também como telefone.

Mas a Globo está fazendo testes com um modelo da Samsung...

Sim, mas o aparelho só vai ser fabricado se houver demanda. O problema é que o padrão de TV digital escolhido para o Brasil é baseado no ISDB japonês e o padrão de telefonia celular que nós usamos - o GSM - é europeu. Essa combinação não existe no mercado. O GSM não é usado no Japão e o ISDB não é utilizado na Europa. Então, vai ser preciso fazer um aparelho especificamente para o Brasil. E nós somos um mercado pequeno em relação ao mundo. Isso cria um problema de escala, que vai ter que ser resolvido - o que pode levar um pouco mais de tempo e custar muito mais caro.

Quantas pessoas trabalham na área de inovação da Claro?

Aproximadamente 30 pessoas. Uma das grandes missões dessa equipe é identificar

As emissoras de TV – com exceção da Band – não estão com muita disposição para oferecer streaming da programação

A adesão foi muito boa, não só ao BlackBerry mas também às outras soluções de e-mail móvel. Atualmente oferecemos mais de 20 aparelhos com esse recurso, incluindo os smartphones 3G.

E a TV no celular?

Esse é outro serviço disponível em 3G. Não é TV digital; é streaming, no conceito de IPTV. No 3G, a imagem chega a 15 quadros por segundo. Nós temos acordo com vários canais (Bloomberg, CNN International, MaxxSports, Fashion TV, Cartoon Network,

quem são os melhores parceiros no mercado para criar as novas aplicações. Basicamente tudo o que fazemos é por meio de parceria. É o caso do Claro VideoMaker, que funciona como um YouTube em que o usuário que postou o vídeo é remunerado por download. A gente fez uma parceria com a empresa Compera, que tinha essa aplicação praticamente pronta. Só moldamos o serviço para ficar com a cara da Claro. O modelo de negócios é de partilhamento da receita. Assim, o parceiro entra com uma parte do risco. ☒